

A lente seletiva de Heródoto: conceitos de seca como marcadores de identidade não-grega

The selective lens of Herodotus: concepts of drought as markers of non-Greek identity

*César Augusto de Aquino Carvalho*¹

Resumo

Na contemporaneidade, a inserção e recepção acadêmica do debate historiográfico ambiental é recente, no entanto, o campo tem contemplado nos últimos anos uma ampliação dos debates de maneira abrangente, compondo uma série de trabalhos e discussões na disciplina, que não exclusivamente se referem às questões do presente. Desse modo, o presente trabalho se propõe à abordagem da História Ambiental a fim de analisar e discutir os usos dos conceitos de seca e estiagem na historiografia grega antiga. O corpus literário selecionado se trata da obra “Histórias” de Heródoto que, datando do V a.C, apresenta-se como uma escrita da história de gregos e bárbaros e também dos espaços que ocupam, enfatizando as relações entre forças humanas e não-humanas acerca destes espaços. Nesse sentido, a partir do tratamento da fonte e o trabalho de François Hartog *O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre a Representação do Outro* (1999), é possível refletir sobre o uso dos conceitos seca como prováveis marcadores de identidade não-grega nas narrativas herodotianas, os quais funcionariam como pressupostos culturais para pintar uma imagem dos espaços narrados ao “público” de Heródoto.

Palavras-chave: Identidade; Secas; Heródoto.

Abstract

In contemporary times, the insertion and academic reception of the environmental historiographical debate is recent. However, in recent years the

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

field has seen a broadening of the debates in a comprehensive way, making up a series of works and discussions in the discipline, which do not exclusively refer to the issues of the present. In this way, this paper proposes an approach to Environmental History in order to analyze and discuss the uses of the concepts of drought and drought in ancient Greek historiography. The literary corpus selected is Herodotus' *Histories* which, dating back to the 5th century BC, presents itself as a history of Greeks and barbarians and also of the spaces they occupy, emphasizing the relationships between human and non-human forces in these spaces. In this sense, based on the treatment of the source and the work of François Hartog *The Mirror of Herodotus: The Representation of the Other in the Writing of History* (1999), it is possible to reflect on the use of dry concepts as probable markers of non-Greek identity in Herodotian narratives, which would function as cultural presuppositions to paint an image of Herodotus to the public.

Keywords: Identity; Droughts; Herodotus.

Introdução

O presente trabalho é resultado da iniciação científica intitulada “O impacto social das secas no Mediterrâneo Antigo visto através das fontes literárias” — realizado entre os anos de 2023 e 2024. Os resultados que serão aqui discutidos inclinam-se acerca do tratamento concedido por Heródoto no uso dos conceitos que se referem a ausência de água como atribuidores de identidade.

Heródoto nascido no século V a.C., aproximadamente 484 a.C., na cidade jônica de Halicarnasso, que na época encontrava-se sob domínio do Império Aquemênida, escreveu uma série de textos reunidos hoje numa obra intitulada *História* — histórias, traduzindo como investigações — através da qual se propôs escrever acerca dos grandes feitos “helenos” e “bárbaros” para que não fossem esquecidos no tempo e nem as causas bélicas entre eles.²³ Heródoto, um viajante, escrevia sobre os territórios que visitava tanto a partir de possíveis testemunhas

² LIDDELL, H.G. & SCOTT, R. A greek-english lexicon. Oxford: At The Clarendon, 1968.

³ HERÓDOTO. Livro I: CLIO, 1. In. _____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 19.

oculares quanto de relatos.⁴ Porém, encontram-se dificuldades na contemporaneidade sobre a questão da fidelidade do autor em relação a esses testemunhos e relatos e até mesmo a possibilidade de realmente ter realizado inúmeras viagens pelos territórios sobre os quais escreveu. Outro elemento que também compõe o debate acerca da fidelidade da historiografia de Heródoto são as intromissões ao longo das narrativas que ele opera, dizendo em alguns trechos “eu mesmo estou dizendo”, “isso eu ouvi” e “em minha opinião”.⁵

Nesse sentido, Heródoto foi reconhecido por vezes ao longo da história tanto como “Pai da História” quanto “Pai das Mentiras”, epítetos que partem de consciências históricas diferentes, não necessariamente lineares, e que dizem muito sobre a imagem da História nas respectivas temporalidades em que foram pensados. As diversas leituras de Heródoto são permeadas de críticas e/ou valorizações de certos aspectos da narrativa herodotiana, por exemplo da incorporação de alguns valores da escrita de seus predecessores — conhecidos como logógrafos — como genealogias, explicações míticas e lendárias acerca da realidade, percebidos como maneiras possivelmente suficientes de tentar preencher lacunas do que está sendo compartilhado na obra, além de suas intromissões em primeira pessoa.⁶ Considera-se também que *História* pretende contar e dizer acerca do mundo conhecido, abordando eventos e encontros de forma não cronológica, tendo enfatizado a necessidade de caracterizar espaços a fim de narrar eventos do passado, mas também de personalidades e populações sobre as quais se escreveram de maneira mais próxima a uma preocupação com a moral e religião do que política.⁷

A obra dividida em nove livros, nomeados a partir das musas — em ordem, Clio, Euterpe, Talia, Melpomene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia e

⁴ O tratamento da diferença entre o testemunho ocular e o relato é bastante nuançado. Parece dizer respeito ao ato de selecionar elementos dos inquéritos.

⁵ HERÓDOTO. Livro II: EUTERPE, 53-57. In. _____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 106.

⁶ KURY, Mário da Gama. Introdução. In. HERÓDOTO. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 7-14.

⁷ *Ibidem*, p.11.

Calíope — descreve populações do mediterrâneo, do interior da África e da Ásia à Europa, mas também os espaços ocupados por estas, suas histórias de surgimento até o presente momento de escrita.⁸ Em Clio, as narrativas de Heródoto discorrem acerca do elemento fundamental para dividir a Grécia e a Ásia, sendo este os sequestros das mulheres — Io, Europa, Medéia e Helena — que culminaram na Guerra de Tróia. Esta foi tida pelos chamados “homens eruditos persas” como a justificativa de rivalidade entre helenos e persas, pois a primeira agressão teria sido à Ásia.⁹

Nos outros livros, Heródoto aborda outros diversos contextos históricos como o crescimento de Esparta como uma potência militar; os grandes reis da Lídia; a cultura e relatos persas; a história da Cítia e dos costumes dos nômades citas; e as batalhas das Guerras Greco-Persas, conhecidas como Guerras Médicas.¹⁰

Heródoto, ao longo de toda sua obra, se debruça em identificar os elementos dos espaços que os permitem de serem definidos. Dessa forma, o autor seleciona por meio dos testemunhos e relatos, e de suas próprias experiências, um determinado conjunto de características identificadoras para explicitar os traços dos povos que habitam tais espaços. Infere-se que, para o autor, as relações socio-ambientais podem ser tidas como aspecto fundamental para se explicar a história e convivência de uma população.

Assim, considerando a importância desse aspecto em Heródoto e os resultados que serão discutidos sobre a ausência de água, foi escolhido como referência principal o livro de François Hartog *O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre a Representação do Outro* (1999), a fim de discutir os conceitos de “retórica da alteridade” e “grade de inteligibilidade” nas narrativas identificadas.

⁸ KURY, Mário da Gama. Introdução. In: HERÓDOTO. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 7-14.

⁹ HERÓDOTO. Livro I: CLIO, 1-5. In: _____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 19-20.

¹⁰ HERODOTUS. Book I: CLIO, 5. In: _____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

A tese de Hartog traça um paradigma de produção para Heródoto, o qual se fundamenta na premissa de que o autor escrevera a partir das relações diametralmente opostas entre dois e, em alguns casos como o dos citas, três termos, que são qualificados pelas diferenças em referência a um termo central e este seria os “gregos”.¹¹

Os conceitos do historiador francês de “retórica da alteridade” e “grade de inteligibilidade” foram elaborados para tentar explicar as formas de narração de Heródoto, propondo-as como fundamentadas a partir de meios de compreensão conhecidas pelos “gregos”. Isto significa dizer que há uma espécie de “lente comparativa” de entendimento sobre as experiências e testemunhos narrados. Tal lente serviria para selecionar, comparar e combinar formas de dizer e explicar o “outro” a partir daquilo que seria o “conhecido”. E, portanto, aquilo que não fosse, seria tratado como o oposto dos valores entre os gregos — não necessariamente ruim. Dessa forma, o espelho de Heródoto seria a própria narrativa herodotiana, que permitiria nos dizer mais acerca do autor e do público nessa temporalidade para qual escrevera do que dos povos, espaços e experiências narradas.

Localizando as narrativas em Heródoto

Na História foram identificados cinco conceitos que poderiam representar a ideia de seca, sendo *ἀρχμός*, *ἄνυδρος*, *ἀνομβρος*, *ἐξαναίνω* e *μαραίνω*. Contudo, para este artigo foram selecionados apenas exemplos de narrativas nas quais aparecem *ἄνυδρος*, *ἀρχμός* e *ἀνομβρος*, sejam juntas ou separadas, tendo em vista os modos como são utilizadas e possíveis relações sociais entre gregos e não-gregos que podem ser depreendidas por meio da historiografia de Heródoto. A justificativa para essa escolha se encontra no fato de tais palavras serem

¹¹ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

substantivos e adjetivos, isto é, elementos que nomeiam, classificam e qualificam, respectivamente.

Ao lidar com fontes em grego antigo, é esperado que as palavras utilizadas pelo autor não tenham um significado uniforme e que apresentem morfologias variadas — seja por uma questão de sintaxe ou até mesmo estilística. Como é o caso das palavras selecionadas: as traduções desses termos possuem variações importantes e constituem um arsenal de sentidos que podem ser apreendidos de uma mesma palavra. Isto significa dizer, que são termos polissêmicos e, portanto, dependem de elementos da ordem do contexto do autor, do momento em que se escreve a obra, para quem se escreve, do improvisado, do estilo etc., que possivelmente pretendem pintar possíveis imagens dos espaços e dos povos, que são citados nas narrativas que compõem a obra, na mente do público leitor/ouvinte.

Para o primeiro caso, e este seria do palavra *ἄνυδρος*, em todas suas variações, as narrativas parecem se concentrar nos livros dois, três e quatro — Euterpe, Talia e Melpomene, respectivamente.¹² De acordo com o Dicionário Grego-Português da Ateliê Editorial (DGP) tal termo representa o significado de “(1) que não produz água, sem água; (2) que não recebe água, sem água, seco; (3) privado de água, não purificado por abluções”.¹³ A opção escolhida pelas traduções consultadas, geralmente, é de sem água ao invés de seco, pois partiria da própria morfologia da palavra, a qual se constitui de um alfa privativo (an-) que indica negação ou ausência de algo, no caso da palavra *υδρος* que vem de água (*ὑδωρ*).¹⁴

Foram detectadas seis ocorrências de *ἄνυδρον* (singular, masculino, acusativo), uma de *ἄνυδρα* (plural, neutro, nominativo), uma de *ἀνύδρω* (singular, masculino, dativo) e quatro de *ἄνυδρος* (singular, masculino,

¹² HERÓDOTO. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

¹³ MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Mora. Dicionário grego-português (DGP): vol. 1, São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2006, pg 91.

¹⁴ LIDDELL, H.G. & SCOTT, R. *A greek-english lexicon*. Oxford: At The Clarendon, 1968.

nominativo). É válido apontar que uma quantidade significativa das ocorrências detectadas envolve o uso da palavra como substantivo e como adjetivo, servindo como dispositivos de se referir a um espaço específico.

Nota-se, em particular, que os ambientes caracterizados como *ἄνυδρον* geralmente são apresentados como sendo privados de água em um sentido mais absoluto e permanente, ao contrário de espaços periodicamente afetados pelas secas.¹⁵ Nos capítulos 4, 5, 9 e 11 do livro três, Talia, Heródoto utiliza o termo *ἄνυδρον* para descrever e localizar aos leitores as condições físicas marcantes do territórios do Egito e da Árabia. Os usos variam, e podem ser tratados como se fossem epítetos, isto é, como se servissem para reforçar o significado das palavras que as acompanham:

Embebedou os seus guardas e fugiu para a Pérsia. Aí encontrou Cambises preparado para partir contra o Egito, mas com dúvidas quanto à sua marcha e à forma de atravessar o deserto sem água;¹⁶

E podem ser operados como recursos textuais de retomada do nome da região tratada no capítulo ou nos anteriores:

Depois de ter feito o juramento aos mensageiros vindos de Cambises, o árabe concebeu o seguinte expediente: encheu peles de camelo com água e carregou todos os seus camelos com essas peles; depois conduziu-os para a terra sem água e aí esperou o exército de Cambises. (...) Deste rio (diz-se) o rei dos árabes trazia água através de um aqueduto feito de couros de boi e outros couros cozidos e suficientemente extenso para chegar ao país seco;¹⁷

¹⁵ HERODOTUS. Book III: THALIA, 4-11. In: _____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹⁶ Trad. livre do autor: “He made his guards drunk and so escaped to Persia. There he found Cambyzes prepared to set out against Egypt, but in doubt as to his march, how he should cross the waterless desert;” (HERODOTUS. Book III: THALIA, 4 In: _____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920).

¹⁷ Trad. livre do autor: “When, then, the Arabian had made the pledge to the messengers who had come from Cambyzes, he devised the following expedient: he filled camel-skins with water and loaded all his camels with these; then he drove them into the waterless land and there awaited Cambyzes' army. (...) From this river (it is said) the king of the Arabians brought water by an aqueduct made of sewn oxhides and other hides and extensive enough to reach to the dry country;” (HERODOTUS. Book III: THALIA, 9 In: _____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920).

Para o caso do capítulo 6 do mesmo livro, deve-se notar que a palavra se encontra no nominativo plural, *τὰ ἄνδρα*, acompanhada pelo artigo, o que pode ser um indício de uma construção de sentido que parta da ideia das “coisas sem água”, isto é, contemplando um coletivo. Então, nas traduções escolhidas aparecem como “regiões desérticas” e “terras áridas da Síria”.¹⁸¹⁹ (HERÓDOTO, 1985, III, 6) (HERODOTUS, 1920, III, 6). Algo similar ocorre com o aparecimento da palavra *ἀνύδρω*, tal é utilizada como recurso textual para recuperar a noção de “país”, traçando uma associação entre o território da Árabia e a noção de falta de água.

Nos usos de *ἄνδρο* (singular, masculino, nominativo) como adjetivos, têm-se os casos dos capítulos 32 e 149, e 185, referentes a trechos nos livros dois e quatro, respectivamente. No capítulo 32 do livro dois, Heródoto descreve o “último” nível do interior do território da Líbia como sendo privado de água — em oposição à costa mediterrânea, a qual é caracterizada como estando dividida entre várias tribos de líbios, fenícios e gregos e ao interior “médio” habitado por bestas selvagens:

(...) toda a orla marítima do norte da Líbia, desde o Egito até o promontório de Soloeis (o fim da Líbia), habitada em toda a sua extensão por líbios de numerosas tribos, à exceção da parte ocupada pelos helenos e fenícios —; o território da Líbia situado aquém do mar e dos habitantes do litoral é ocupado por animais selvagens, e para lá da região dos animais selvagens tudo é areia, extremamente desprovido de água e inteiramente deserto.²⁰

No capítulo 149 do livro dois, Heródoto procura enfatizar que a água do lago Môiris no Egito não poderia vir de fontes naturais, dado que o entorno da região desse lago é identificado como “extremamente carente de água”. Paralelamente a este, no capítulo 185 do livro quatro, o termo *ἄνδρο* também é

¹⁸ HERÓDOTO. Livro III: TALIA, 6. In: _____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 151.

¹⁹ Trad. livre do autor: “arid lands os Syria”. (HERODOTUS. Book III: THALIA, 6. In: _____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920.)

²⁰ HERÓDOTO. Livro II: EUTERPE, 32. In: _____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 98.

empregado na caracterização do território líbio, em sentido similar àquele apontado acima. É necessário notar, no entanto, que nesta parte Heródoto produz uma lista de coisas que não existem no interior da Líbia intimamente ligadas de ao aspecto desértico: “o território é deserto, sem água, sem animais, sem chuva e sem árvores, e nele não há umidade alguma.”²¹

No capítulo 173 do quarto livro, no trecho encontrado a palavra *ἄνυδρος* é citada como consequência da força dos ventos que secaram as cisternas dos líbios conhecidos como psilos, povo vizinho aos nasamones, que habitavam a região central da Sírtis. Deste evento parte-se um possível fenômeno de imigração, o qual é decidido em coletivo de forma unânime:

Os vizinhos dos nasamones são os psilos. Eles pereceram da seguinte maneira: o vento sul secou-lhes os reservatórios de água com seu sopro, e toda a região situada no interior do Sírtis estava sem água. Depois de reunir-se para deliberar eles decidiram unanimemente partir em guerra contra o vento sul (repito as palavras dos líbios a este respeito), mas ao chegar à região arenosa o vento sul soprou e os sepultou sob a areia. Após o seu aniquilamento os nasamones lhes ocuparam o território.²²

Buscando-se uma análise contextual deste trecho, propõe-se relembrar que Heródoto não está sendo metafórico ou fazendo uso de uma linguagem figurada para a escrita desta passagem. O modo de narrativa herodoteana é marcada por intromissões do autor como possíveis explicações para as lacunas dos acontecimentos, dado os limites das próprias histórias das testemunhas destes eventos. O uso de *ἄνυδρος* parece expressar um fato observado, devido a força dos ventos, as águas à disposição secaram e transformaram a região da Sírtis em um território sem água. Deve-se visar uma nuance importante aqui: na narrativa, os psilos parecem ter ocupado a região em um tempo anterior, significando, hipoteticamente, que no tempo em que se escrevia a obra o lugar era desértico.

²¹ HERÓDOTO. Livro IV: MELPOMENE, 185. In. _____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 251.

²² HERÓDOTO. Livro IV: MELPOMENE, 173. In. _____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 249.

O segundo caso, *ἀρχμός*, expressa os sentidos de, segundo o dicionário DGP “(1) secura; seca (2) magreza; indigência (3) mau estado; sujeira”²³. No capítulo 13 do livro dois de Heródoto, o historiador grego narra uma reflexão sobre as diferenças de fontes de água entre gregos e egípcios, esses se provendo por chuvas e estes últimos pela água do rio Nilo. Heródoto dedicou-se a enfatizar no capítulo seguinte, que mesmo o Egito estando banhado pelo Nilo, poderia sofrer as consequências da seca e da fome, caso o rio não elevasse como esperado, supondo-se a partir do histórico de elevação da terra, dado ao aumento de sedimentos que são depositados pelo rio no solo.

A palavra *ἀρχμός* aparece sob a forma de *ἀρχμῶ* (substantivo, singular, masculino, dativo), sendo traduzida como “seca” tanto por Godley (1920) e Broca (1964), atribuindo sentido para o contexto maior de que as chuvas tinham um papel fundamental para a sociedade grega antiga. E tal elemento é explicitamente identificado pelo uso dativo, que localiza a possibilidade de acontecimentos de secas na Grécia, devido a dependência de chuvas mandadas pelos céus. No texto, gregos e egípcios são opostos em suas fontes de água — uma provém do céu e a outra da terra. O elemento identificador do Egito seria a dependência para com o Nilo. No entanto, mesmo sendo diferentes, a ideia que os justapõe é a mesma: a imprevisibilidade das expectativas não se corresponderem com as necessidades, a terra ser assolada pela seca e os mais vulneráveis morrerem de fome.

É curioso notar que existe uma diferença importante entre as traduções de Broca (1964) e Godley (1920) que consiste no uso da palavra “Zeus”. No original em grego, as palavras *ὁ θεὸς* e *Διὸς* são utilizadas para se especificar que a água das chuvas é provida pelos céus e que existe uma força superior, sendo esta a de Zeus, exercendo algum tipo de controle sobre esses eventos. Na tradução inglesa, Godley deixa claro esse sentido, no entanto, na língua portuguesa, o autor escolhe dizer que “Querem dar a entender com isso que, se

²³ MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Mora. Dicionário grego-português (DGP): vol. 1, pg 150, São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

em lugar de chover na Grécia, sobreviesse uma seca, o povo pereceria de fome por não possuir outro recurso senão a água do céu”²⁴. Portanto conferindo não explicitamente se Heródoto estaria apontando para a dádiva de Zeus ou apenas supondo-se de uma explicação mais empírica provinda de observação. A terceira tradução, de Mário da Gama Kury concorda com A.D. Godley, deixando bem explícita a relação entre a providência de Zeus e as chuvas na Grécia.

Para o caso do capítulo 198 no quarto livro, encontra-se a palavra *αὐχμοῖ* (substantivo, singular, masculino, genitivo) que é utilizada para se relacionar a ideia de “sem umidade” ao solo. De forma geral, o trecho descreve Cinips, a qual seria uma região da Líbia diferente do que já foi escrito, pois não ocorreriam secas no território, já que é banhado por diferentes nascentes e chuvas na primavera. Na tradução portuguesa de J. Brito Broca (1964) a palavra é praticamente excluída, já que se substituiu a ideia de seca por implicitamente colocá-la no excerto “É uma terra negra, regada por várias nascentes e beneficiada por constantes chuvas, que a fecundam sem lhe causar dano”²⁵.

Observa-se que em Heródoto, os usos da palavra *αὐχμός* estão diretamente ligados às ideias de ausência de água e sua relação íntima com o solo. Parecem ser formas de se identificar precisamente à ausência que afeta a terra. No terceiro e último exemplo, procurou-se satisfazer outras perspectivas, buscando-se termos conectados às ideias que dissessem respeito à privação de água por uma causa específica. Esse é o caso da palavra *ἀνομβρος* que expressa os sentidos de “1- sem chuva (região); 2- não alimentado pelas chuvas (curso d’água)”²⁶. Registraram-se apenas 3 aparições do termo. Duas destas ocorrências, nos capítulos 22 e 25 do segundo livro, remetem à narrativa de Heródoto acerca do regime de chuvas e do volume de água do rio Nilo, que se desdobra entre os capítulos 22 a 27.

²⁴ HERÓDOTO. *HISTÓRIA*. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: W. M. JACKSON INC., pg 116, 1964.

²⁵ HERÓDOTO. *HISTÓRIA*. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: W. M. JACKSON INC., pg 373, 1964.

²⁶ MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Mora. *Dicionário grego-português (DGP)*: vol. 1, pg 80, São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

Isso significa que essas duas ocorrências de *άνομβρος* (adjetivo, singular, fem. (1), masc (2), nominativo) serviram o propósito de caracterizar o espaço para o caso do primeiro uso e caracterizar uma qualidade de identificação do rio Nilo.²⁷ Desse modo, no primeiro caso, faz-se referência a palavra *ἡ χώρα*, que significa o espaço, mas é traduzida como “país” e “região”, e diz respeito ao território da Líbia. A palavra sem chuva parece ser como *ἄνυδρος*, é capaz de estabelecer uma espécie de característica fundamental deste espaço, funcionando como um adjetivo. No segundo caso, a palavra é utilizada para identificar o rio Nilo de modo a apontá-lo como o rio que “não conta com as águas da chuva e o sol evapora parte das suas”.²⁸ É interessante perceber que, o Nilo é, nesse aspecto, um rio diferente, pois marca a ausência de uma relação que, provavelmente era tida como intrínseca aos gregos, isto é, a relação entre disponibilidade de chuvas e os rios.

A ocorrência do termo *άνομβρος* localizada no capítulo 185 do quarto livro, encontra-se também com 1 registro de *ἄνυδρος*. Neste caso, ambas palavras são designadas para se comentar descritivamente sobre as qualidades identitárias do ambiente natural da Líbia, localizada no norte da África entre as colunas de Hércules e Tebas no Egito — a Líbia é este território que designa toda a região ao norte da África que fica ao oeste do Egito. No que se refere ao contexto narrativo, ambas as ocorrências da palavra *άνομβρος* integram o relato de Heródoto sobre o clima das minas de sal e seus habitantes, que constroem casas de sal, dado que o meio natural em questão é caracterizado por Heródoto como uma região sem chuva e sem umidade nenhuma. Na primeira aparição, *ἄνυμβρα*, designa uma ideia de coletivo e, portanto, da ordem da generalização, que no texto é tratado de maneira ambigua, seja pela não ocorrência de chuvas na região

²⁷ “ [5] But the Nile, being fed by no rain, and being the only river drawn up by the sun in winter, at this time falls far short of the height that it had in summer; (...)” (HERODOTUS. Book II: THALIA, 22 In: _____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920).

²⁸ Hdt. 2.25, tradução de J. Brito Broca (1964). HERÓDOTO. Livro II: EUTERPE, 25. In: _____. *HISTÓRIA*. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: W. M. JACKSON INC., 1964.

em sua totalidade ou seja pelo não acontecimento de nenhuma quantidade de chuva. Na segunda aparição, *ἀνομβρος*, faz parte de uma lista de características ligadas a um imaginário grego de um lugar abastecido por chuvas que não têm lugar devido à característica desértica dessa região e, logo, seria oposta à Grécia, dado a falta de água das chuvas:

Há uma mina de sal a cada dez dias de viagem, e nela vivem homens. As suas casas são todas construídas com blocos de sal, porque estas são partes da Líbia onde não chove, pois as paredes, sendo de sal, não poderiam ficar firmes se houvesse chuva. (...) Para além deste cume, a parte sul e interior da Líbia é desolada e sem água: não há animais selvagens, não há chuva, não há florestas; esta região é totalmente desprovida de humidade.²⁹

De maneira geral, esses casos supracitados permitem levantar duas observações preliminares sobre o significado da palavra *ἄνυδρος* na narrativa de Heródoto:

i) a possibilidade da palavra *ἄνυδρος* funcionar como uma espécie de marcador de identidade cultural não-grega, possivelmente integrando o repertório da “retórica da alteridade” que François Hartog discute em sua obra *O espelho de Heródoto* (1999): mais especificamente, parece existir a possibilidade de que a representação discursiva que Heródoto faz dos territórios em questão (Líbia, Egito, “Arábia”) esteja pautada em uma ideia de oposição climático-ambiental em relação à Grécia, no que se refere ao fato de que as regiões não-gregas em questão são caracterizadas primariamente como privadas de água, tanto de rios quanto da chuva. O Egito, em particular, é representado enfaticamente como um território árido, pois, ao contrário da Grécia, não se tem o corrimento de chuvas;

ii) a palavra *ἄνυδρος*, ao menos em Heródoto, não necessariamente indica um momento ou episódio climático-ambiental específico de privação de umidade

²⁹ Trad. livre do autor: There is a mine of salt on it every ten days' journey, and men live there. Their houses are all built of blocks of the salt; for these are parts of Libya where no rain falls; for the walls, being of salt, could not stand firm if there were rain. (...) Beyond this ridge, the southern and inland parts of Libya are desolate and waterless: there are no wild beasts, no rain, no forests; this region is wholly without moisture. (HERODOTUS. Book IV: THALIA, 185. In: _____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920).

ou de água, isto é de seca, mas uma representação cultural associada a determinados lugares e ambientes naturais “não-gregos” entendidos como intrinsecamente privados de água.

ii.i) a palavra *ἄνυδρος* como substantivo designando uma recuperação da região que está sendo abordada no texto. E também com adjetivo, funcionando como um reforço, uma ênfase no aspecto do espaço ser “sem água”.

iii) o uso de *ἀνύχμος* como refinador do sentido de ausência de água para “ausência de umidade” ligada ao solo. Colocado nas passagens como elemento comparativo e também relacionado a outros eventos, como chuvas e disponibilidade de rios.

iv) *ἀνομβρος* como palavra que determina a ausência de um recurso fundamental para a obtenção de água ao que parece ser um certo tipo de “imaginário grego”. As regiões não abastecidas por água da chuva são tratadas como ausentes desse aspecto, além de também serem adicionadas a essa ideia de ausência, de falta, as características ambientais que estariam intrinsecamente ligadas à disponibilidade de chuva.

Considerações finais

A abordagem da História Ambiental é pertinente para repensar as formas de representação das relações socioambientais dos “antigos” para com os espaços, visto que o objetivo principal é descentralizar o ser humano das narrativas. Tal abordagem permite uma melhor compreensão das complexas redes de tensionamentos que se estabeleciam entre forças humanas e não-humanas sobre os espaços. Essa é uma forma de enfrentar uma corrente de percepção da realidade contemporânea que visualiza o mundo fora do escopo humano como um pano de fundo dos acontecimentos históricos.

Após esta breve análise dos entendimentos dos significados das palavras para seus contextos correspondentes, algumas questões foram produzidas. De que maneira o valor das palavras é usado pensando-se num contexto social? O público para quem se escreve reconhece o valor identitário utilizado nesses termos? Que público é este? De onde partem esses termos de identificação do espaço? Por que espaços caracterizados como sem água são considerados espaços solitários e desolados, mesmo quando se têm habitantes ou ainda quando possivelmente possuem uma circulação?

É possível refletir sobre como talvez o valor social destes termos e suas conexões com as identidades que são lidas e conferidas ao espaço estavam associadas a interpretações dos relatos de viajantes e histórias locais. Assim, como para o caso de Heródoto, baseando-se nos testemunhos e nos relatos daqueles que vivem naquela região ou que se configuram como fontes confiáveis. Apesar de existirem certas nuances que estabelecem diferenças entre o testemunho e o relato para Heródoto, o autor tenta produzir sua obra com o máximo de fidelidade possível. No entanto, é interessante observar que existem relações de assimetria entre certos pares nas narrativas que tentam servir como um dito mundo de vocabulários gregos acerca das identidades do espaço³⁰. E possivelmente como recursos textuais imagéticos, isto é, que permitiriam aos leitores e ouvintes imaginarem os espaços evocados.

Portanto, ao se refletir acerca dos conceitos de Hartog e aos termos discutidos neste artigo, foi possível identificar uma determinada visualização de diferenças entre o espaço grego e os não-gregos — relacionando-se quase sempre de forma binominal — que se sobressaíram na escolha do próprio vocabulário. Este vocabulário seria das marcas das ausências. É notável que para tentar construir imagens de certos espaços, que se definem como o contrário do que seria a realidade vivida na Grécia, se optam por termos que expressem na sua própria morfologia a marca de negação, de ausência como é o caso das três

³⁰ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

palavras selecionadas *ἄνδρος*, *ἀρχμός* e *ἀνομβρος* — em todas é possível identificar o alfa privativo “an-” e “a-”. Portanto, existe a possibilidade de que as narrativas de Heródoto partiam desses pressupostos gregos e de que as palavras eram selecionadas de tal maneira contemplando duas prováveis hipóteses: (i) a escolha de termos conhecidos pelo público leitor/ouvinte, e o então convencimento dessas populações diante do que está sendo dito; (ii) o limite de vocabulário do próprio autor para expressar contextos, características e processos que sejam adversos da realidade conhecida.

No entanto, devido ao envelhecimento da obra de Hartog no campo acadêmico existe algumas questões problemáticas que não são bem respondidas por ele e que afetam permitir pensar um pouco além desse sistema de oposições entre “gregos” e “bárbaros”. Um desses problemas tange justamente a questão da identidade grega. Afinal, o que seria o “grego” em Heródoto? E, seria esse público leitor das narrativas herodoteanas gregos? Seria o próprio Heródoto considerado grego entre esses “gregos” contemporâneos a ele? Deve-se considerar que Heródoto nasceu na cidade de Halicarnassos, na época sob domínio persa e que detinha uma certa admiração por algumas figuras representantes desse período como a rainha de sua província, Artemisia³¹. Outras problematizações dizem a respeito da dificuldade em se aplicar o conceito da “retórica da alteridade” em alguns casos, nos quais não se encontram comparações ou uso de superlativos que cumpram o papel de marcadores de identidade.

Recebido em: 24/01/2025 - Aceito em: 15/02/25

Referências

³¹ HERÓDOTO. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história. In: GONÇALVES, Márcia et all (Org.). *Qual o valor da História Hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012. p. 21-39.

CATROGA, Fernando. Ainda será a história mestra da vida? In: RIOS, Kênia Sousa e FURTADO FILHO, João Ernani (Org.). *Em Tempo*. História, memória, educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. p. 9-38.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp. 55-105.

COLLINGWOOD, R. G. *A Ideia de História*. Tradução de Alberto Freire. Portugal, Queluz de Baixo: Editorial Presença.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HERÓDOTO. *HISTÓRIA*. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: W. M. JACKSON INC., 1964.

_____. *História*. Introdução e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

_____. *História: O retrato clássico da guerra entre Gregos e Persas*. Estudo crítico por Vítor de Azevedo. Tradução de J. Brito Broca. 2º ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

_____. *The Histories*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

LIDDELL, H.G. & SCOTT, R. *A greek-english lexicon*. Oxford: At The Clarendon, 1968.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Mora. *Dicionário grego-português (DGP): vol. 1-5*, São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2006-2010.

MARINCOLA, John. Historiography. In: Andrew Erskine (Ed.). *A companion to ancient history*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2009, p. 13-22.

POLEO, Daniel. ¿Cambio climático o variabilidad climática? Historia, ciencia y política en el clima mesoamericano. *Revista de Ciencias Ambientales* (Trop J

Environ Sci), Editorial de la Universidad Nacional de Costa Rica (EUNA),
(Junio, 2016). EISSN: 2215-3896. Vol 50(1): 25-39.

THOMMEN, L. *An Environmental History of Ancient Greece and Rome*.
Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de
Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991. [original 1988].